

A MEMÓRIA COMO MÉTODO DE PESQUISA

Fabiola Gaspar das DORES*

RESUMO: Neste artigo pretendemos discorrer de forma breve e introdutória sobre o estudo da memória, enquanto método de pesquisa, apontando algumas de suas características que a definem como um método subjetivo.

PALAVRAS-CHAVE: memória, subjetividade, interação, relato oral.

Introdução

Antes de discorrer sobre as características intrínsecas ao *estudo da memória*, é preciso ressaltar sobretudo, o seu caráter *subjetivo*. Uma subjetividade que a caracteriza como um método qualitativo. Ou seja, baseado no estudo do próprio homem, em sua relação com o meio social, ao qual está inserido, levando em conta os sentidos, os sentimentos e a sensibilidade dos indivíduos envolvidos no processo de pesquisa.

Um método, que altera de forma singular a relação sujeito-objeto, na medida em que, revela Trigo & Brioschi:

o investigador se depara, no seu processo de pesquisa, com um objeto que reage à sua presença, detém um saber que lhe é próprio decorrente de sua experiência de vida, capaz de atribuir significado às suas ações e ao seu discurso, expressando e articulando seu pensamento à sua maneira. (1987, p.633)

Uma relação, que põe em questão uma possível *neutralidade* do investigador frente ao objeto. Pois, apesar do pesquisador buscar dados

* Aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 – Araraquara-SP, sob a orientação da Profª. Drª. Tânia Pellegrini, com apoio financeiro da FAPESP.

reais e objetivos, os seus sentidos, sentimentos, valores, a sua situação de classe, de gênero, de raça/etnia e idade entram em franca interação com as do investigado, influenciando no seu comportamento e discurso.

Cabendo ao pesquisador observar e analisar essa interferência que deve ser relevada durante todo o processo de pesquisa, como: na situação de entrevista, na análise das falas ou ao ler os documentos.

Porém, em se tratando de um método qualitativo, como a memória, derivada da percepção humana e estreitamente relacionada com o poder dos indivíduos em guardar e lembrar acontecimentos, relacionados ao seu meio social, alguns pressupostos para o seu entendimento, se fazem necessários.

O primeiro deles, é um breve conhecimento dos estudos da psicanálise, pois, como analisa Thompson, a psicanálise é o instrumento pelo qual podemos desvendar os mistérios da memória, não como psicanalistas, que requer uma formação específica, mas enquanto "historiadores [cientistas sociais] aprendendo muitas coisas com ela, a respeito de seu próprio ofício - em relação a si mesmos e a seus informantes". (1992, p.198)

E a primeira lição a aprender é como devemos nos relacionar com as pessoas. Nesse tipo de trabalho, diz Thompson: é preciso ter acima de tudo, respeito pelos outros, enquanto seres humanos e sensibilidade no trato com elas. Procurando ouvir com atenção seus pontos de vistas, sobre os fatos e a vida. Ser solidário, principalmente, com aquelas que passaram por situações que lhe acarretaram trauma, sofrimento, desespero e angústia, entendendo sua recusa em falar sobre o assunto e o que isso pode significar. Dar atenção e ter respeito com os idosos, que em muitos casos, são vítimas da exclusão social e do abandono. Enfim, resgatar o sentimento de solidariedade e respeito pelo outro, enquanto ser humano, com suas dificuldades, qualidades e defeitos.

Afinal, somos nós que queremos conhecer a história de vida dessas pessoas ou saber sua opinião sobre um determinado assunto. As quais, não são em nenhuma hipótese, obrigadas a revelar ou responder, senão pela livre e espontânea vontade, ou como salienta Thompson, por uma relação de empatia e afinidade, conquistada pelo pesquisador.

Outro ponto fundamental é ter em mente que basicamente trata-se de um estudo pautado pelo relato oral. Pelo contato direto com as pessoas, com seus sentidos, a sua sensibilidade, a sua subjetividade, a sua história, a sua memória. Pessoas, muitas vezes com idade, costume, religião, cor, gênero, personalidade, opinião, trajetória de vida, totalmente diferente do pesquisador. O que a primeira vista, já pode ser um empecilho para qualquer relacionamento. Mas, com paciência e respeito pode se reverter em uma relação amigável, com um belíssimo relato.

É preciso também, destaca Thompson, ficar atento para o quanto de simbolismo está impregnado o nosso mundo consciente. O que para Jacques Lacan tem a *linguagem*, como um meio, pelo qual, podemos percorrer, decifrar e interpretar a estrutura do pensamento das pessoas, desvendando alguns de seus simbolismos e a própria memória.

Com relação a esse ponto, Thompson sugere, que se preste atenção, por exemplo, na forma como o entrevistado se coloca no discurso de reconstrução da memória. Como ele usa os pronomes (eu, tu, nós...) e qual o significado deles no contexto a que está se referindo, sua relação com o meio social, bem como a entonação das palavras e os gestos.

Além disso, deve-se atentar para aquilo que não está sendo dito ou como diz Maria Isaura Pereira de Queiroz (1987) para o *indizível*. Procurar verificar as razões que levaram as pessoas a não mencionarem tal fato: esquecimento, ocultamento, desconhecimento e outros que possuem uma razão e uma explicação de ser.

Para Pollak, os significados do *silêncio* também têm uma razão e uma explicação de ser e podem estar relacionados há vários fatores: a própria interação com o pesquisador, o medo de ser punido por aquilo que sabe, de se expor a mal-entendidos e etc. que cabe ao pesquisador observar e desvendar.

Feita essas primeiras considerações, podemos agora apontar mais detalhadamente algumas características do *estudo da memória*, de forma breve e introdutória aliada a algumas considerações sobre o recurso da *técnica de entrevista*, utilizada normalmente como meio de captá-la.

O estudo da memória

A memória parece ser, a priori, como defende Henri Bergson, analisado por Ecléa Bosi em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994) um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio das pessoas, que conservam em seu espírito, o passado, que aflora na consciência em forma de imagens-lembrança e nos sonhos e devaneios em forma pura.

Maurice Halbwachs, em *a Memória Coletiva* (1990), no entanto, contesta essa interpretação. Para ele, a memória não é um fenômeno estritamente individual, mas um fenômeno coletivo, que influencia as lembranças dos indivíduos, “construída coletivamente e submetida a flutuações, transformações e mudanças constantes”, como afirma Pollak (1992, p.201). Não devendo portanto, ser avaliada isoladamente, mas posta em relação com toda a experiência social do grupo em que o sujeito está inserido.

A memória dos indivíduos, comenta Halbwachs, não depende só de sua subjetividade, de seu espírito, mas do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a Igreja, com a profissão, o que inclusive, o estimula, o força, o põe a lembrar.

Mas ressalta Bosi:

Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum. (1994, p.411)

Dessa forma, Halbwachs, relativiza a tese de pureza e autonomia do ato de lembrar defendida por Bergson, vinculando a memória individual a memória coletiva¹ (Queiroz, 1996, p.7).

O ato de lembrar afirma Halbwachs, não é esse caráter de lembrança, de sonho, de reviver um momento passado, mas de refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A memória para Halbwachs, diz Bosi:

¹ Fentress e Wickam, citados por Teresa Queiroz, preferem a expressão *memória social* a memória coletiva de Halbwachs, na qual segundo eles: “a memória individual é vista como mero repositório da memória coletiva, o que reduz o indivíduo a uma espécie de autômato passivamente obediente à vontade coletiva interiorizada”.

não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual ... e que, às vezes, [é] estilizada pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado. (Bosi, 1994, p. 55)

Relembrar não é recuperar o passado na sua inteireza, na sua pureza e totalidade, como pensava Bergson. Mas refazer a partir de idéias e valores de hoje, parte desse passado, pois a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado ou registrado. Fica o que significa, o que representa (Pollak, 1992, p.203), e não do mesmo modo, mas levando em consideração as experiências adquiridas pelas pessoas, passados alguns anos.

Como revela, Halbwachs, já não somos os mesmos de então e nossa percepção altera-se, e com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor. (Bosi, 1994, p.55). Os acontecimentos vividos ou vividos por *tabela*², explica Pollak, (1992) passam por um verdadeiro trabalho de organização, construída social e individualmente. Como ressalta:

A organização da memória é em função das preocupações pessoais e políticas do momento... o que a memória individual grava, recalca, exclui, lembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização... [e do] sentimento de identidade. tanto individual quanto coletiva. na medida em que ela [a memória] é também um fator extremamente importante de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si... que consiste na valorização e hierarquização das datas, das personagens e dos acontecimentos. (Pollak, 1992, p. 204-5)

Esse é um ponto fundamental no estudo da memória. Um ponto em que Pollak verifica que "há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade" (1992, p.204). Diz ele: ao reconstruir acontecimentos pretéritos, ao mesmo tempo, construímos a nossa própria identidade e do grupo em que estamos inseridos. Mas, alerta:

² Aqueles nos quais não fomos os personagens diretamente, mas por "tabela", em contato com os outros, participamos indiretamente.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz, em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. (Pollak, 1992, p. 204)

Para Pollak, ao reconstruirmos o passado, o fazemos a partir da imagem que se têm de si, para si e para os outros, pois, quando recordamos, elaboramos uma representação de nós mesmos e para aqueles que nos rodeiam. Fato que requer um sentido de coerência, de unicidade e de continuidade de uma pessoa ou de um grupo social, na reconstrução de si.

Nesse sentido, Pollak questiona a visão harmoniosa do ato de lembrar mencionada por Halbwachs. O ato de lembrar diz Pollak, é conflitivo, sobretudo quando se vai recuperar a memória política, a memória de um grupo social, em que entra em questão o que deve ser lembrado, de que forma e como deve ser registrado, já que há uma *disputa de memórias*, uma disputa por uma determinada versão do fato, o que implica ter um certo posicionamento político diante deles e do momento atual, sedimentando assim, a própria identidade do grupo e dos indivíduos.

Essa situação não é muito tranqüila de ser resolvida tendo em vista a existência de “conflitos sociais e intergrupais que se opõem a grupos políticos diversos” (Pollak, 1992, p.205) em que um grupo luta por preservar determinadas datas, personagens, acontecimentos e etc. que outros impugnam, resistem em se identificar, em reconhecer como parte da história, da memória do grupo e conseqüentemente, dos próprios indivíduos.

Tereza Queiroz revela ainda, que esse caráter harmonioso do ato de lembrar apontado por Halbwachs, é uma visão também que omite a *violência simbólica*³ (Bourdieu, 1922), muitas vezes, presente na construção da memória coletiva, o que para Pollak é caracterizado como um *enquadramento da memória*.

O trabalho de enquadramento da memória é o trabalho de imputação de uma memória, de uma organização do passado, feita

³ Conceito de Bourdieu.

geralmente por especialistas, como historiadores⁴ (Gramsci, 1978) ou profissionais de diferentes organizações, que interpretam e constroem a história, a memória de uma sociedade ou de um grupo social específico, seguindo as orientações ideológicas de quem está no poder.

Uma memória, com a qual as pessoas devem se identificar, ter como referencial na construção do sentido de história e de identidade de um povo, de um grupo social ou de uma pessoa. No intuito, revela Pollak de:

reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições, irredutíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum. (1989, p.9)

Um processo portanto, de dominação ideológica, de organização do passado, segundo as orientações de quem está no poder, que é quem determina o que deve ser lembrado, qual o teor ideológico que deve ter, instituindo assim uma memória *oficial* (de acordo com a ideologia vigente, visando perpetuar uma determinada estrutura social) e sucumbindo a memória chamada por Pollak de *subterrânea* (memória do povo, que revelada ameaça a ordem social).

Mas adverte Pollak, para o enquadramento de uma memória é preciso que se organize um quadro de referências: discursos, homenagens, acontecimentos, lugares específicos, personagens e etc. que reforcem e expliquem a memória social.

Fato, que requer um encadeamento lógico, coerente e aceitável dessa reconstrução, já que ao mesmo tempo se está construindo a própria identidade de um povo ou de um grupo social. O que exige uma unidade física, uma continuidade temporal e um sentimento de coerência. A fim de superar, ressalta Pollak (1989, p.9): “a simples ‘montagem’ ideológica, por definição precária e frágil”.

No caso da construção da memória política, que Pollak estudou mais de perto, nas organizações mais formais (partidos políticos e outras

⁴ Historiadores orgânicos diria Gramsci

organizações formais) em que há uma *disputa de memórias*, o que está em jogo é o próprio sentido de identidade de um grupo e do próprio indivíduo, por isso é montada toda uma rede de preservação do passado, cristalizada em monumentos, museus, bibliotecas e etc.

No que se refere à reconstrução da memória a partir de grupos mais informais (associações, entidades, pequenos grupos...) o enquadramento da memória se faz, revela Pollak, por exemplo, no controle das testemunhas. Criando testemunhas autorizadas, geralmente *sóbrias e confiáveis*, ou seja, mais de acordo com o discurso oficial, com aquilo que já se conhece. Abafando os discursos das *memórias subterrâneas*, na esperança de que com o tempo sejam esquecidas.

Mas, longe de caírem no esquecimento⁵, a *memória subterrânea* é preservada e transmitida oralmente de uma geração para outra, de pai para filho, amigos e parentes. Uma memória que apesar de estar no *silêncio* não foi esquecida. Ao contrário, está esperando o momento certo de ser dita, lembrada, constituindo-se, muitas vezes, como uma forma de resistência, diante de um momento não propício de trazer à tona toda a verdade, o que poderia abalar a coesão social e, principalmente, questionar a memória oficial e reivindicar a verdadeira história.

Por outro lado, como assinala Bosi, a reconstituição da memória política, através do relato oral, suscita sempre um *sabor de convenção*⁶. Diz ela:

A leitura social do passado com os olhos do presente, torna o teor ideológico mais visível... os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica 'neutra'. Ele quer julgar, marcando bem de que lado estava naquela altura da história. (Bosi, 1994, p. 453)

⁵ Relacionado para Halbwachs ao distanciamento em relação ao grupo, já que para ele o grupo é essencial no processo de rememoração. Nossas lembranças, diz ele, são essencialmente coletivas, só conseguimos recordar quando fazemos parte de um mesmo grupo e guardamos estas recordações apenas enquanto continuam a fazer parte dele.

⁶ Expressão da própria Ecléa Bosi.

Por isso, menciona Bosi, é preciso correlacionar o discurso a outras informações sobre o entrevistado, como: localização de classe, profissão, raça/etnia, para melhor compreendermos o seu posicionamento.

Além de saber quem participou e quem não participou dos fatos. Pois, há uma diferença qualitativa dos discursos.

Os participantes, aqueles que foram atores, sem dúvida possuem informações ricas e um fervor na reconstrução dos fatos. Mas, ressalta Bosi, a participação nos acontecimentos políticos podem ter imunizado a memória dos militantes dos riscos de idealização ou da estereopatia, que passam a reproduzir fielmente o discurso partidário que foi modelado com o tempo em formas de discurso valorativo, convencional e ideológico.

Por outro lado, os simples espectadores, “as testemunhas ocular lembra-se evidentemente melhor dos pormenores do fato [de forma menos calorosa] mas nem isso, escapa necessariamente, à versão corrente que o seu grupo de apoio produziu” (Bosi, 1994, p.463).

Como se pode observar, a memória, como método de pesquisa, não é muito fácil de ser trabalhada, requer sensibilidade e paciência por parte do pesquisador na interação com o investigado, além de estar atento para o próprio discurso, em que se entrelaçam presente e passado, bem como juízos de valor.

O recurso da técnica de entrevista

A entrevista é uma técnica de pesquisa, que acompanhada do gravador, permite registrar, revela Maria Isaura Pereira de Queiroz (1983, p.46) com “fidelidade os monólogos dos informantes ou o diálogo entre informante e pesquisador”.

Comumente utilizada em pesquisas de história oral ou história de vida, pode seguir diferentes rumos, dependendo da pesquisa e do que se pretende captar. Como:

- orientada por perguntas (simples, diretas e em linguagem comum/cautelosas ou indiretas) pelo pesquisador, numa relação de diálogo;

- com roteiro ou semi-orientada, de forma mais livre, em que o pesquisador, vez ou outra, interfere, geralmente trazendo o informante ao tema ou
- totalmente livre.

Porém, como salienta Thompson (1992, p.258) : “a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado, e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita”.

No que se refere, a orientação de entrevistas com perguntas simples, diretas e em linguagem comum, deve ser feita numa espécie de diálogo entre pesquisador-entrevistado, com um roteiro prévio e flexível, respeitando a imaginação e outras informações que o pesquisado possa fornecer.

Como revela Thompson, o roteiro deve ser apenas um guia, com espaço para o próprio entrevistado, que pode contar coisas muito mais interessantes para a pesquisa e que não estavam previstas no roteiro.

Mas, apesar de não existir nenhum modelo fechado e nem fórmulas prontas, há algumas orientações e indicações, sugeridas por Maria Isaura Pereira de Queiroz e Verena Alberti, que através de seus trabalhos levantam alguns pontos relevantes a se levar em consideração antes, durante e depois de uma entrevista, que não se deve seguir a risca, mas como bons caminhos de início.

O primeiro ponto para o qual advertem e talvez um dos pontos mais importantes para qualquer pesquisa é o *domínio básico sobre o assunto pelo pesquisador*.

Mas, como adverte José Vicente Tavares dos Santos (1995), em qualquer pesquisa, antes de tudo, antes de ir a campo, é preciso, *rediscutir o problema*, aquilo que de fato se pretende conhecer, com extrema atenção sobre os fatos e acontecimentos relevantes para o objeto de pesquisa.

Refletir o tempo todo, as hipóteses levantadas, os objetivos que se deseja atingir, os sujeitos envolvidos e os procedimentos metodológicos e técnicos a serem utilizados.

Tendo cuidado na aplicação dos métodos e técnicas, não sendo tão rígidos com eles, levando em conta o erro como um ponto fundamental e privilegiando a lógica da descoberta em detrimento da lógica da prova.

Além disso, é preciso realizar uma exaustiva investigação teórica sobre o tema, conhecer os conceitos básicos, as principais linhas teóricas relacionadas a área de pesquisa, não só para ter um domínio teórico sobre o assunto, mas principalmente, no transcorrer da pesquisa, ir dialogando com ela, levantar dúvidas, esclarecer alguns pontos, enfim, deixar fluir o espírito de pesquisador.

Mesmo porque, como afirma Alberti:

conhecendo amplamente o tema o pesquisador pode otimizar seu desempenho e imprimir à produção dos documentos de história oral um alto grau de qualidade. Através da pesquisa, é possível, por exemplo, situar com bastante clareza a atuação de determinado entrevistado no contexto das preocupações acerca do tema e preparar-se para dele obter um depoimento de grande valor de pesquisa ... podendo reavivar a memória do entrevistado e auxiliá-lo no esforço da recordação. (1990, p.46)

Mas, ressalta Santos (1995), o *rigor científico* e a constante *vigilância epistemológica* em todo o desenvolvimento da pesquisa, são elementos primordiais na pesquisa científica, sem no entanto inibir a *imaginação sociológica* do pesquisador.

A partir deste exaustivo conhecimento teórico e dos fatos envolvidos na pesquisa, é que se vai para o trabalho de campo, no caso para as entrevistas.

Para isso no entanto, aconselha Alberti, é importante num primeiro momento, preparar um roteiro geral da pesquisa, reunindo e estruturando todos os pontos levantados durante a pesquisa, seguindo os objetivos estabelecidos no projeto, a fim de preparar as perguntas, que devem ter por objetivo esclarecer os pontos levantados no projeto de pesquisa.

A elaboração das perguntas por sua vez, requer alguns cuidados.

Um deles, é não elaborar perguntas diretivas, que levem o entrevistado a ser influenciado a pensar do modo do pesquisador e não de

seu próprio modo. É importante também, não elaborar perguntas, cuja resposta se restrinja a um sim ou não. As perguntas devem estimular os entrevistados a se exporem, a falarem sobre o assunto.

Feita essa parte, é preciso selecionar cuidadosamente os entrevistados, que depende da preocupação de cada pesquisa. No caso de pesquisas qualitativas, os primeiros informantes são pessoas, geralmente que ocupam ou ocupavam lugar de destaque, como os representantes ou líderes. Porém, é no próprio transcorrer da pesquisa, na indicação dos informantes iniciais, na necessidade de esclarecimento de uma ou outra questão, na busca de diferentes informantes à título de comparação, que se vai configurando a amostra, até atingir o *ponto de saturação*, isto é, “ir realizando entrevistas até o momento em que os conteúdos dos relatos começam a repetir-se, a não colocarem elementos novos” (Bertaux apud Dermatini 1992, p.11).

Porém, como salienta Dermatini (1992, p.50), “é difícil atingir o ponto de saturação, em estudos qualitativos ... nem sempre um número maior de entrevistas que pode levar ao ponto de saturação é fundamental, pois muitos relatos únicos sobre determinados temas podem trazer contribuições valiosas”.

Sabendo disso, entra-se em contato com os primeiros entrevistados. O contato inicial, pode ser feito através de telefonema ou carta, em que o pesquisador deve se apresentar e informar sobre a pesquisa, marcando um possível encontro.

O primeiro encontro é um momento muito importante. É quando ocorre a primeira troca de impressão com o outro, com o desconhecido, para ambas as partes. É quando há ou não há uma relação de empatia, principalmente, em se tratando de pessoas totalmente diversas em (idade, gênero, raça/etnia, situação sócio-econômica etc.).

O pesquisador porém, já possui uma vantagem frente ao entrevistado. Sabe alguns dados sobre o entrevistado como: idade, gênero, endereço e etc., além de um conhecimento sobre o que se deseja abordar e que é preciso ter interesse e respeito pelos outros, saber ouvir e ter sensibilidade nas reações frente a elas; em especial no que tange suas observações e posicionamentos sobre os fatos a serem abordados.

Nesse sentido, o pesquisador precisa ver o primeiro contato como especial. O momento em que o pesquisador pode conquistar a empatia do entrevistado, explicando-lhe o trabalho, o método a ser empregado e os propósitos daquele encontro. Mostrando a relevância do depoimento do entrevistado para a pesquisa e pedindo sua permissão para gravar a entrevista, bem como sua franqueza e autorização para a utilização do depoimento na pesquisa, com um termo de autorização, que pode ser alterado a qualquer momento, firmando compromisso de guardar qualquer confidência ou desabafo.

Para iniciar a entrevista no entanto, é interessante primeiro que se preencha uma ficha com as informações do entrevistado (dados pessoais, nível de instrução, religião, ocupação atual, ocupação já exercida...) previamente preparada pelo pesquisador, que deve abrir uma pasta, para guardar as informações sobre o entrevistado.

Queiroz revela ainda que é preciso que o pesquisador tenha também um *caderno de campo* ou um *diário de pesquisa*, no qual vai efetuando suas anotações de entrevista: condições em que foi realizada, onde, quando, quem, o que, com, detalhes, particularidades, impressões, observações e também o próprio andamento da pesquisa: dificuldades e dúvidas. O diário de pesquisa será extremamente importante na análise do material e na pesquisa em si.

Se o informante aceitar conceder as entrevistas, o pesquisador deve preparar um roteiro individual de entrevista, que servirá para ele ter o controle entre uma entrevista e outra, verificando o que foi dito, o que ficou para trás e as novas perguntas a serem feitas, mas isso só deve ser feito, como reitera Alberti (1990, p.62) basicamente para "orientar o pesquisador, ajudá-lo a acompanhar o depoimento e a lembrar-se das questões que devem ser levantadas, sem contudo servir como uma camisa de força".

Preparado todos esse pontos vai-se para a entrevista. Mas, antes é preciso ter conhecimento de como conduzir uma entrevista e qual deve ser a participação do entrevistado nela.

O pesquisador deve ter consciência que a própria presença dele já é um elemento de interferência, como adverte Queiroz e Alberti. A presença do gravador também é outro elemento inibidor.

Porém, não há como realizar uma entrevista sem a presença do pesquisador, pois ele é quem está interessado por fazer a pesquisa e o gravador é um meio importante de se registrar o depoimento oral.

Se a entrevista for motivada por um diálogo, há uma significativa participação do entrevistado na colocação de algumas perguntas, promovendo uma dinâmica maior. Mas, o próprio pesquisador deve saber a hora de interferir, seja para esclarecer alguns pontos, explicar ou trazer o entrevistado de volta ao tema.

Em outros casos, a participação do pesquisador é menor. Isso ocorre geralmente, quando o próprio entrevistado está estimulado a contar o que você está interessado em saber, trazendo novas informações.

Dessa forma, o pesquisador deve ter uma postura frente aos entrevistados de acordo como se vai delineado a pesquisa, cabendo ao entrevistador, revela Alberti, adaptar-se ao ritmo do entrevistado, procurando não interromper o curso de seu pensamento, acompanhando seu discurso ao formular perguntas, reformulando suas próprias idéias a partir daquilo que lhe é relatado, enfim, procurando ajustar o diálogo com base nos dados que lhe fornece o entrevistado a respeito de si mesmo e de suas limitações.

Ou seja, é o entrevistado que dá o tom e o ritmo da entrevista, o pesquisador tem que se adequar ao seu estilo, ao seu tempo, a sua personalidade.

Além disso, o pesquisador tem que ter consciência que a qualidade da entrevista, do que será dito e da forma que será dita está estreitamente relacionada com a sua participação durante a pesquisa e da relação estabelecida com o entrevistado, não esquecendo da presença do gravador. Por isso, o pesquisador deve estar atento a tudo: às lacunas, ao silêncio, ao ocultamento, ao esquecimento, às mentiras, à timidez e ao próprio estado de espírito do informante.

Uma outra advertência que Queiroz e Alberti fazem antes de se porem na situação de entrevistas são com os aspectos práticos, como:

Escolha do local

Deve ser escolhido em comum acordo no primeiro encontro. Geralmente é na casa do entrevistado, no quarto ou na sala. Num espaço de preferência sem a interferência de outras pessoas, pois, a entrevista é individual é com ele e só com ele que ela tem que ocorrer, até mesmo para uma maior intimidade e liberdade para o entrevistado expressar suas opiniões, suas lembranças, suas angústias ... Há casos que não é possível, mas o pesquisador tem que saber conduzir, levando em conta a presença de outras pessoas.

É importante na escolha do local que se tenha uma mesa para o gravador, se possível sem interferência sonora, silêncio e onde o entrevistado se sinta bem. Esses cuidados são importantes para garantir uma boa entrevista, com qualidade para a transcrição.

Duração

É uma questão muito relativa. Segundo Alberti depende da relação estabelecida entre pesquisador-entrevistado, dos limites físicos e psicológicas do entrevistado, bem como da disponibilidade do entrevistado.

Queiroz, no entanto, sugere que não se ultrapasse mais de duas horas. Primeiro porque cansa o entrevistado e o próprio pesquisador e compromete as próximas entrevistas. Diz ela:

informantes e pesquisador não devem ultrapassar certo período de duração de conversa devido ao cansaço, duas horas parece ser o máximo, ou por volta disso, sendo que também as entrevistas devem ser espaçadas na semana para se manter o ritmo de interesse por parte do informante. (Queiroz, 1983, p.87)

Mas, observa Alberti:

realizar uma entrevista é sempre cansativo. Para o entrevistado um elevado esforço intelectual e emocional. Para o pesquisador um grande desgaste, pois deve estar sempre atento a tudo: funcionamento do gravador, refletindo sobre o tema e observar o que está sendo dito, as

reações emocionais e físicas do entrevistado, por isso duas horas é o ideal. (1990, p. 87)

No dia anterior à entrevista, é bom lembrar o entrevistado da entrevista por telefone. Caso ele tenha se esquecido e marcado um outro compromisso, deve-se ser compreensível e marcar uma nova data, não muito longe, de preferência na mesma semana.

Enfim, chegamos a própria entrevista. Queiroz e Alberti, sugerem que antes de ir a entrevista, é preciso já ter preparado o roteiro geral e o roteiro individual, bem como não esquecer o diário de campo e se possível um dia antes não esquecer que é preciso testar o gravador, checar se as fitas são suficientes, se há pilhas, ver a qualidade da gravação.

Início

Um bom caminho de se iniciar uma entrevista é levar algum material: foto, documentos relacionados a pesquisa ou alguma coisa que tenha marcado um momento da vida do entrevistado ou aquele ao qual se está pesquisando. É uma boa forma de se estimular o informante a falar.

Caso tenha dificuldades, o pesquisador deve observar por que e tentar abordar o tema de outra maneira. Não é fácil, mas com tato, experiência e simpatia pode-se obter alguns resultados.

O encerramento deve acontecer, depois de verificar os roteiros, observar se todos os pontos foram trabalhados, se não ficou nada para trás, se não há dúvidas e precise explorar mais um pouco as informações do entrevistado ou se surgiu algo novo que seja preciso consultar o entrevistado, até para confirmar ou comparar com outros depoimentos, é preciso que o pesquisador vá encaminhando para o fim as sessões de entrevistas.

Nas últimas entrevistas deve-se comunicar o entrevistado do fim da entrevista, dando-lhe a oportunidade de perguntar, se haveria algo a declarar.

Antes porém, é preciso que lembre da carta de cessão de direitos sobre o depoimento, como já havia dito no começo, dando-lhe para ler,

verificar os dados, se quiser alterar algo ou pedir descrição no que foi dito e sua assinatura.

Cabe nesse momento, avaliar o rendimento das entrevistas, a qualidade do entrevistado e a própria pesquisa, partindo para a transcrição e análise do material.

Transcrição

É uma tarefa difícil e cansativa, deve ser realizada de preferência pelo próprio pesquisador, já que é ele que está envolvido no processo de pesquisa, no tema abordado, sabendo o que é importante reter do discurso e da própria situação de entrevista.

Contudo, no momento da transcrição, apesar de ter ouvido várias vezes as entrevistas, percebe-se coisas que no ato da entrevista não foi observado, chegando ao ponto de se pensar que se trata de outra entrevista. Mas, como explica Dermatini

A diferença fundamental que permite a ocorrência destas diferentes percepções em cada etapa do trabalho, é que o material escrito pode ser visto em seu conjunto, isto é, permite que visualizemos simultaneamente as várias informações de todos os entrevistados à respeito de um determinado assunto, o que é praticamente impossível com as gravações. (1992, p.14)

Para alguns autores como Bertaux ao terminar essa fase, a pesquisa já está pronta. Porém, para Dermatini (1992, p. 14) é importante realizar um cuidadoso estudo do material colhido e transcrito, a fim de não “deixar de lado relatos menos empolgantes que outros ou (partes de entrevistas) que traziam elementos discordantes de nossas próprias formulações anteriores, ou contendo elementos aparentemente sem muita importância”.

Análise

A análise na pesquisa qualitativa não deve estar excluída durante todo o processo de investigação, ela deve caminhar junto em todas as fases, no trabalho de campo, nas entrevistas, ouvindo e refletindo sobre o que é dito, as interferências, as reações do investigado, enfim, em todo o processo.

Na análise do material de campo, deve-se considerar todos os aspectos da situação de entrevista: interferência do pesquisador, a dialética entre os dois tipos de registro – escrito e oral – os instrumentos técnicos utilizados, as anotações do pesquisador, numa busca constante pela interpretação do fato, garantindo também uma fidelidade ao que foi dito.

Conclusão

Como podemos observar, a pesquisa qualitativa não é um pesquisa simples de ser realizada, requer paciência, disciplina, ética e principalmente fidelidade com o material colhido.

Sabemos que nem tudo pode ser feito com sucesso, mas com boa vontade e experiência podemos ter bons resultados.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, V. *História oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: FGV - Instituto de Documentos, 1990.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P., PASSERON, J. C. *A reprodução*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- DERMATINI, Z. B. F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, Alice B. G. (Org.) Reflexões sobre a pesquisa científica. *Cadernos CERU* (São Paulo), n.3, 1992
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990

- POLLAK, M. Memória e identidade social *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 2, n. 3, 1992
- POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio *Estudos Históricos*. (Rio de Janeiro), v. 2, n. 3, 1989.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indivizível" ao "dizível". *Ciência e cultura* (São Paulo), n. 39, mar 1987
- QUEIROZ, M. I. P. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva *Cadernos CERU*, n. 4, 1983
- QUEIROZ, T. C. N. A construção da memória social: o discurso de líderes populares urbanos. In: Reunião Anual da ANPOCS, 20, Caxambu - MG, 1996 (GT- História Oral e Memória)
- SANTOS, J. V. T. A aventura sociológica na pós-modernidade. In: ADORNO, S. *A sociologia entre a modernidade e a pós-modernidade* Porto Alegre, UFRG, 1995
- THOMPSON, P. *A voz do passado* história oral. São Paulo. Paz e Terra, 1992
- TRIGO, M. H. B., BRIOSCHI, L. R. e Relatos de vida em Ciências Sociais considerações metodológicas *Ciência e Cultura*. (São Paulo), n. 39, jul 1987